

Panorama Econômico e Setorial 2017. Atualização para o primeiro trimestre



No quarto trimestre de 2016, a atividade global continuou a acelerar, com taxas de crescimento trimestrais de cerca de 1%. Embora haja certa discrepância entre os dados das pesquisas e os dados quantificáveis, os dados do índice de gestores de compras (PMI) e os de produção e comercial global (IP e WFI) permitem prever um bom ritmo econômico também durante o primeiro trimestre de 2017.

No quarto trimestre de 2016, a atividade global continuou a acelerar, com taxas de crescimento trimestrais de cerca de 1%. Embora haja certa discrepância entre os dados das pesquisas e os dados quantificáveis, os dados do índice de gestores de compras (PMI) e os de produção e comercial global (IP e WFI) permitem prever um bom ritmo econômico também durante o primeiro trimestre de 2017.

Em termos anuais, espera-se um crescimento global em 2017 de cerca de 3,1%, o que representa uma leve aceleração com relação ao ano passado, mas ainda muito distante dos registros anteriores à crise mundial. A atividade econômica em 2017 se sustentará em um desempenho melhor dos mercados desenvolvidos, no crescimento da China e em um pouco mais de resistência por parte dos mercados emergentes com relação ao que fora previsto inicialmente. Desta forma, estima-se que durante este ano os mercados desenvolvidos crescerão cerca de 1,9%, enquanto os emergentes crescerão 4,6%.

No que diz respeito à indústria de seguros global, prevê-se uma aceleração durante os próximos dois anos (que acompanha as previsões gerais da atividade econômica), sendo os mercados emergentes os que lideram este crescimento, o que é consistente com a relação positiva que existe entre o aumento dos prêmios globais e o aumento das taxas de juros e da inflação.

Embora as previsões para o negócio segurador global sejam de aceleração, confirma-se que tanto no segmento dos seguros de Vida como no de Não Vida o desempenho continuará a ser superior aos mercados emergentes que nas economias desenvolvidas, devido à maior sensibilidade daqueles ao crescimento econômico e à existência de uma brecha significativa de proteção do seguro.

PANORAMA SETORIAL

1. A conjuntura econômica e seu impacto na demanda por seguros: atualização e previsões

Diversos **fatores macroeconômicos condicionam a atividade e a dinâmica da indústria de seguros**. Assim, aspectos como o ritmo da atividade econômica, o nível e a trajetória das taxas de juros, o comportamento das taxas de câmbio e o grau de volatilidade financeira exercem impacto no nível de demanda por produtos de seguros, na indústria de seguros e na estrutura de custos, no valor dos ativos da indústria de seguros e na capacidade de gerir esses ativos em relação a seus passivos. Além disso, fatores como o comportamento e o nível das taxas de juros podem chegar a ter uma influência determinante na viabilidade de certa parte do modelo de negócio no seguro de Vida, como ficou demonstrado nas regiões do mundo que enfrentaram períodos prolongados de baixas taxas de juros.

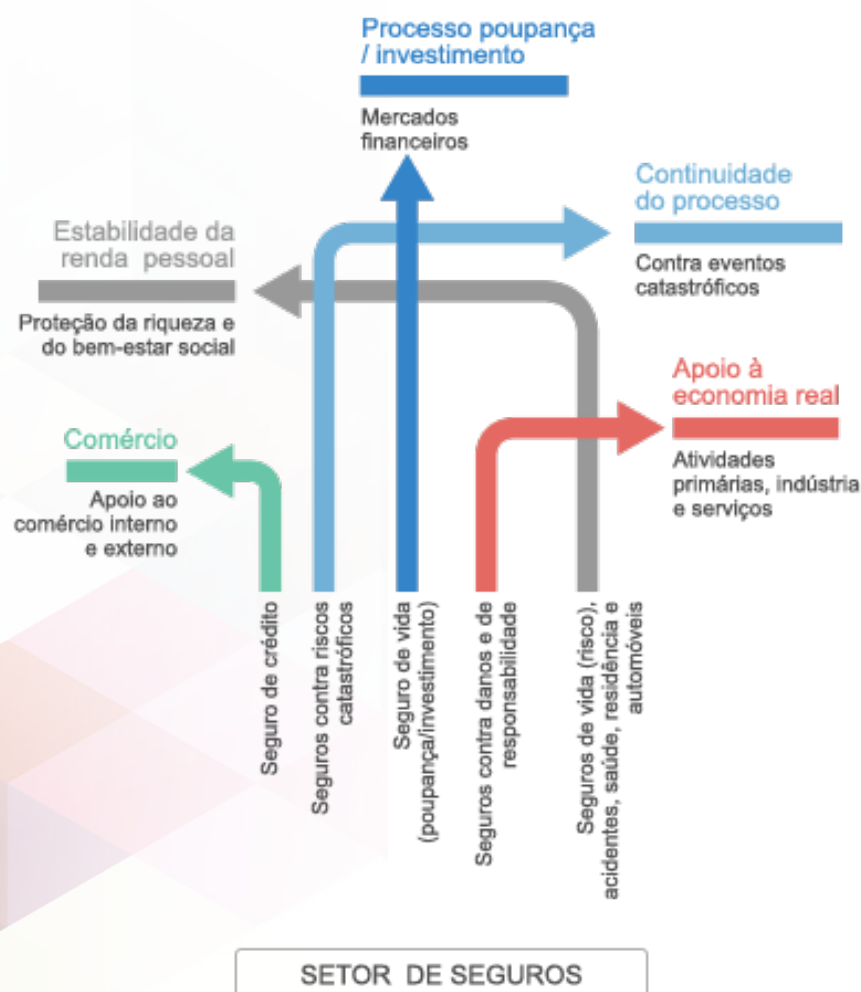
A explicação para este alto grau de condicionamento da indústria de seguros às principais variáveis econômicas e financeiras se encontra nos estreitos laços que a atividade seguradora mantém com praticamente todas as áreas do funcionamento econômico. Os processos de proteção e compensação de riscos que o setor de seguros realiza dão apoio aos diferentes setores da economia real (atividades primárias, indústria e serviços) por meio da ampla variedade de seguros contra danos e de responsabilidade. De forma análoga, os seguros fornecem estabilidade e continuidade ao processo econômico quando ocorrem eventos catastróficos (assim caracterizados por serem de baixa frequência e alta severidade), ajudando a economia a normalizar suas operações em períodos relativamente breves. Os seguros também estimulam e possibilitam a realização de inúmeras atividades e transações comerciais, tanto domésticas quanto com o exterior, graças à proteção que os seguros de crédito oferecem. E do ponto de vista das pessoas físicas e das famílias, a atividade seguradora proporciona estabilidade para a renda pessoal e familiar por meio da proteção e da

compensação dos seguros de vida risco, acidentes, saúde, residência e automóveis, entre outros (ver Caixa 1.1-a).

Ainda assim, uma das principais funções que o seguro desempenha na economia se associa ao processo de poupança-investimento. Fundamentalmente, por meio dos seguros de vida com componentes de poupança, a indústria seguradora contribui para a criação de poupança interna na economia e, com isso,

para o processo de formação de capital. Nesse sentido, **a indústria de seguros é um dos principais investidores institucionais** em termos globais, função por meio da qual não só permite a canalização de poupança para o financiamento de atividades produtivas como também (pelas características de seu modelo de negócio e de sua função implícita de investimento) fornece ao sistema econômico um elemento de estabilização anticíclica (ver Caixa 1.1.1-b).

Caixa 1.1-a
Principais contribuições do setor de seguros à economia real e ao mercado financeiro



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE

Caixa 1.1.1-b: A função da indústria de seguros como investidora institucional

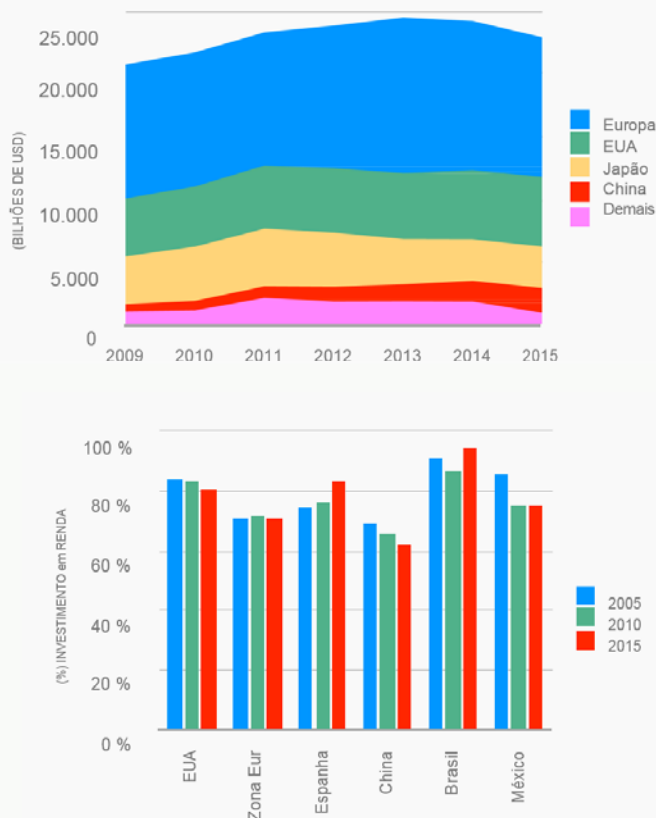
Além da função de compensação e dispersão de riscos que o setor de seguros exerce, que apoia e dinamiza o funcionamento da economia real, a indústria do seguro realiza uma função importante no circuito financeiro de transformação de poupança em investimento.

O setor de seguros é um dos principais investidores institucionais em nível global. Realizando esta função, em 2015 ele contribuiu com 22,838 trilhões de dólares, que sustentaram o financiamento de atividades produtivas no mundo todo (ver Gráfico R-1.1.1-a). Deste total, 48,4% provieram de companhias seguradoras europeias (30,2%, considerando-se apenas a zona do euro), 24,2% de seguradoras dos Estados Unidos, 14,4% de companhias do Japão e 8,6% de seguradoras que operam na China.

Diferentemente do que ocorre com outros investidores institucionais, é importante destacar que a função de investimento que o setor de seguros exerce apresenta várias características relevantes:

- (1) Em primeiro lugar, trata-se de um fluxo de recursos estável, uma vez que, por seu modelo de negócio, as decisões de investimento das companhias de seguros obedecem às características de seu passivo, ou seja, trata-se de uma função subsidiária e dependente das particularidades da estrutura do passivo (liability driven), que se modifica apenas em intervalos relativamente longos.
- Em segundo lugar, uma vez que a maior parte destes investimentos está sustentada por obrigações dos seguros de vida, trata-se de investimentos de longo prazo (e em renda fixa em uma alta porcentagem) que permitem apoiar projetos de investimentos que poderiam encontrar maiores dificuldades pelos mecanismos tradicionais de financiamento.
- E, em terceiro lugar, pelas características apontadas anteriormente, os fluxos de investimento provenientes do setor de seguros têm a qualidade de não sofrer variações relevantes na parte baixa do ciclo econômico, o que fornece ao sistema econômico um elemento de estabilização anticíclica.

Gráfico R-1.1.1-a
Investimentos do setor segurador global e porcentagem de investimento em renda fixa de países selecionados



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE (com dados da OCDE e de supervisores locais)

1.1 Mercados globais

A aceleração moderada do crescimento global, com uma contribuição dos países emergentes acima do previsto inicialmente, constitui um ambiente favorável para o desenvolvimento do mercado de seguros em nível global. Conforme o cenário mais provável previsto neste relatório, estima-se que os prêmios do **segmento de mercado de Vida nos mercados desenvolvidos** podem crescer em média ao redor de 1,7% em 2017 e cair ligeiramente para 1,4% em 2018 em termos nominais (ver Gráfico 1.1.1-a).

Além disso, prevê-se que os crescimentos nominais dos prêmios do negócio de Vida sejam superiores nos **mercados emergentes**, com taxas que oscilariam em torno de 1,7% e 11,2% em 2017-2018, respectivamente (ver Gráfico 1.1.1-b). Estes crescimentos superam significativamente as previsões de inflação e são coerentes com a maior elasticidade dos prêmios de seguros perante crescimentos na renda dos mercados emergentes, onde a brecha de proteção do seguro ainda é ampla.

Gráfico 1.1.1-a
Mercados desenvolvidos: ajuste e previsões do modelo para o mercado de Vida (crescimento mediano, %)



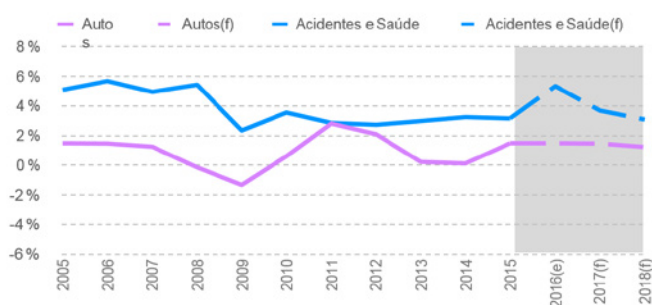
Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE

Gráfico 1.1.1-b
Mercados emergentes: ajuste e previsões do modelo para o mercado de Vida (crescimento mediano, %)



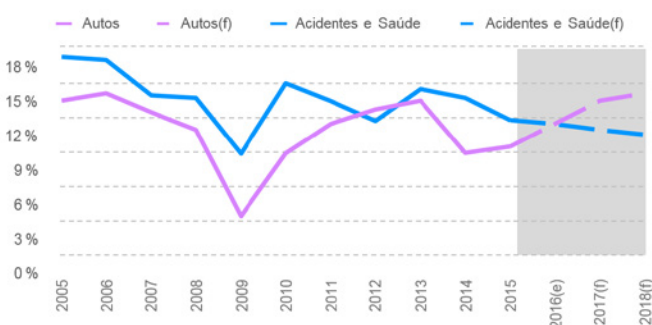
Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE

Gráfico 1.1.1-c
Mercados desenvolvidos: ajuste e previsões do modelo para os mercados de Automóveis e Acidentes e Saúde (crescimento mediano, %)



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE

Gráfico 1.1.1-d
Mercados emergentes: ajuste e previsões do modelo para os mercados de Automóveis e Acidentes e Saúde (crescimento mediano, %)



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE

Quanto ao **segmento de mercado de Não Vida**, conforme o cenário central deste relatório, os crescimentos previstos para os **mercados desenvolvidos** se situariam em torno de 4,9% em 2017, diminuindo para 3,6% em 2018. Por ramos, o negócio de automóveis cresceria 1,4% em 2017, moderando seu crescimento para 1,2% em 2018. Os negócios de acidentes e saúde ficariam em taxas de 3,7% em 2017, com uma redução em 2018 para uma taxa de cerca de 3,1% (ver Gráfico 1.1.1-c).

Na mesma linha que para os seguros de Vida, prevê-se um comportamento melhor para o segmento de Não Vida nos **mercados emergentes**, com crescimentos anuais ligeiramente superiores a 9% no período 2017-2018, com taxas no ramo de autos de 13,4% e 14,1% para esses anos, e de 10,9% e 10,5% para o negócio de acidentes e saúde (ver Gráfico 1.1.1-d).

Como se pode inferir com a análise anterior, as melhoras introduzidas no modelo de previsão (ver Caixa 1.1.1-c), junto com uma maior contribuição para o crescimento dos países emergentes do que o previsto inicialmente, significam uma alteração para maior das estimações contidas no relatório anterior.

1.2 Zona do euro

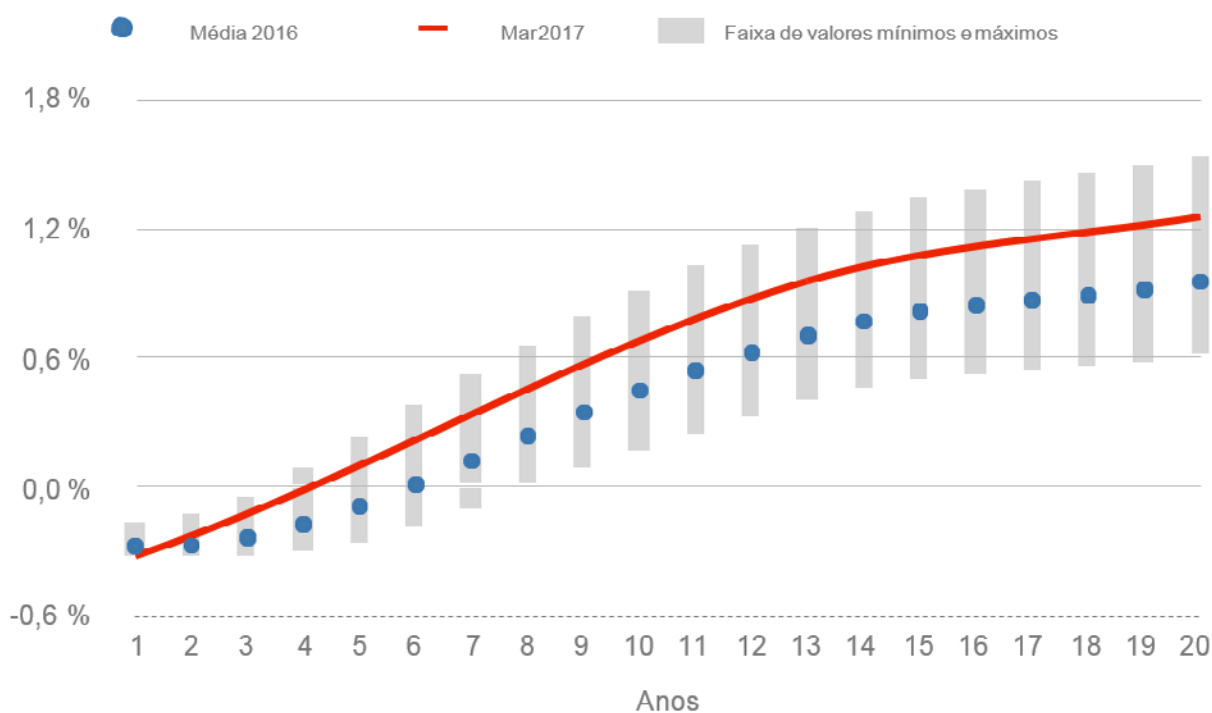
A melhora das expectativas para a zona do euro, com previsões de crescimento em termos do PIB de cerca de 1,5% em 2017 e 2018, permite pensar em um ambiente mais favorável para o desenvolvimento do setor de seguros, especialmente dos segmentos de mercado de Não Vida e Vida risco, altamente correlacionados com o ciclo econômico.

Estima-se que os prêmios dos seguros do segmento do mercado de Não Vida possam ter crescimentos nominais

em torno de 4,9% em 2017, reduzindo-se a uma taxa de 3,7% em 2018. No ramo de Automóveis, o crescimento se situaria ao redor de 1,7% em 2017 e 2018, enquanto nos ramos de Acidentes e Saúde os crescimentos esperados ficariam em 3,3% em 2017 e em 2,6% em 2018.

Além disso, o aumento da inflação na zona do euro poderia levar a se reconsiderar a política monetária do BCE no futuro, embora não se espere que isto aconteça antes do final de 2018. Ainda assim, nas curvas euro sem risco calculadas pela Autoridade Europeia de Seguros e Pensões (EIOPA) para fins de avaliação das provisões técnicas, já se pode observar uma elevação nas taxas em relação aos níveis mínimos de julho de 2016 (ver Gráfico 1.2, que mostra os níveis mínimos, a média e os níveis máximos atingidos em 2016, bem como o nível da última curva publicada pela EIOPA, correspondente a 31 de março de 2017).

Gráfico 1.2
Zona do euro: curva de taxas de juros sem risco (%)



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE (com dados da EIOPA)

Caixa 1.1.1-c: Modelo de previsão do crescimento dos prêmios: aspectos metodológicos

Construção da base de dados e variáveis dependentes

Como parte deste relatório, propôs-se um **modelo empírico de estimação do crescimento dos prêmios do mercado de seguros** fundamentado na teoria macroeconômica do consumo e da renda permanente. Para este fim, coletam-se os dados anuais dos prêmios para cada um dos principais ramos de seguros (Vida, Não Vida, Autos e Acidentes e Saúde) para que sejam utilizados como as variáveis endógenas. Quanto ao período amostral, o modelo cobre de 1980 a 2016, com previsões para o período 2017-2018. Para captar a capacidade preditiva em curto prazo, utilizam-se dados trimestrais; por isso foi feita a trimestralização dos prêmios anuais para cada ramo, utilizando-se a interpolação de dados (caracterizados por um padrão estacional). As variáveis dos prêmios são tratadas em logaritmos e transformadas em primeiras diferenças para se obter sua estacionariedade. Além disso, para obter os prêmios por regiões, utilizou-se a mediana dos prêmios dos países correspondentes a cada região.

Para construir um modelo com alta capacidade explicativa em nível global, cada ramo foi analisado pelas regiões que se mostraram de interesse principal. De um lado, **os mercados desenvolvidos**, que englobam um conjunto de 14 países: 8 da União Europeia (Áustria, França, Alemanha, Itália, Malta, Holanda, Portugal e Espanha); 4 não pertencentes à União Europeia (Austrália, Canadá, Reino Unido e Dinamarca), e Estados Unidos e Japão, e de outro, **os mercados emergentes**, que englobam um conjunto de 24 países: 14 latino-americanos (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, México, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela), 5 da Ásia emergente (China, Tailândia, Filipinas, Hong Kong, Coreia do Sul), 3 países da Europa emergente (Rússia, Polônia e Turquia), e Arábia Saudita e África do Sul.

Objetivo do modelo e variáveis explicativas

O histórico macroeconômico do modelo se fundamenta na análise da dinâmica conjunta de variáveis ligadas à renda e à riqueza com o consumo e a poupança. Portanto, o modelo é capaz de observar a inter-relação entre os prêmios dos seguros e o PIB, a aversão ao risco e os prêmios de risco ou certas variáveis financeiras associadas com as taxas de juros. É por isso que a parte explicativa do modelo se compõe das seguintes variáveis: PIB, taxas de juros, taxas de câmbio, inflação, prêmios de risco, emprego e o preço do petróleo. Além disso, incluem-se na regressão variáveis do tipo *dummy* para captar o efeito incremental por se pertencer a uma região ou a outra. A análise para a qual o modelo serve de base se centra principalmente na dinâmica entre os prêmios e as variáveis macroeconômicas e financeiras, trazendo também informações sobre a capacidade explicativa dos próprios prêmios.

Para este fim, emprega-se um modelo Painel VAR (Vetor Auto-regressivo com Dados de Painel). Em virtude do objetivo que se busca e dos dados obtidos, aplica-se uma estrutura balanceada de dados de painel com efeitos fixos. Em primeiro lugar, o modelo não é balanceado, já que nem todas as regiões podem ser observadas em todos os períodos. Mais ainda, ao buscar o efeito individual de cada região sobre os prêmios, e considerando-se

que tais efeitos individuais são independentes entre si, a utilização de efeitos fixos parece trivial. Contudo, além da metodologia que se aplica, a justificação principal do modelo em dados de painel é que ele proporciona informações sobre as diferenças populacionais e temporais, isto é, informações sobre uma dinâmica conjunta de variáveis.

Por último, o uso de um Painel VAR oferece a análise de uma estrutura dinâmica e flexível entre as variáveis macroeconômicas e permite estimar o efeito individual de cada população dada. Outros estudos, como o de Xin Shen (2015), fornecem o efeito da riqueza do lar sobre o consumo e seu impacto no curto e no longo prazo.

1.3 Espanha

As previsões de crescimento do PIB espanhol em 2017 em torno de 2,5% (com uma ligeira desaceleração com relação a 2016, quando estava em 3,2%) levam a pensar em uma moderação correlativa no crescimento dos segmentos de mercado de Não Vida e Vida risco. Contudo, o maior dinamismo que se percebe no setor Residencial poderia compensar o efeito da moderação prevista no consumo. Neste ambiente, estima-se que os prêmios de seguros do negócio de Não Vida poderiam ter crescimentos nominais acima da média prevista para os países da zona do euro.

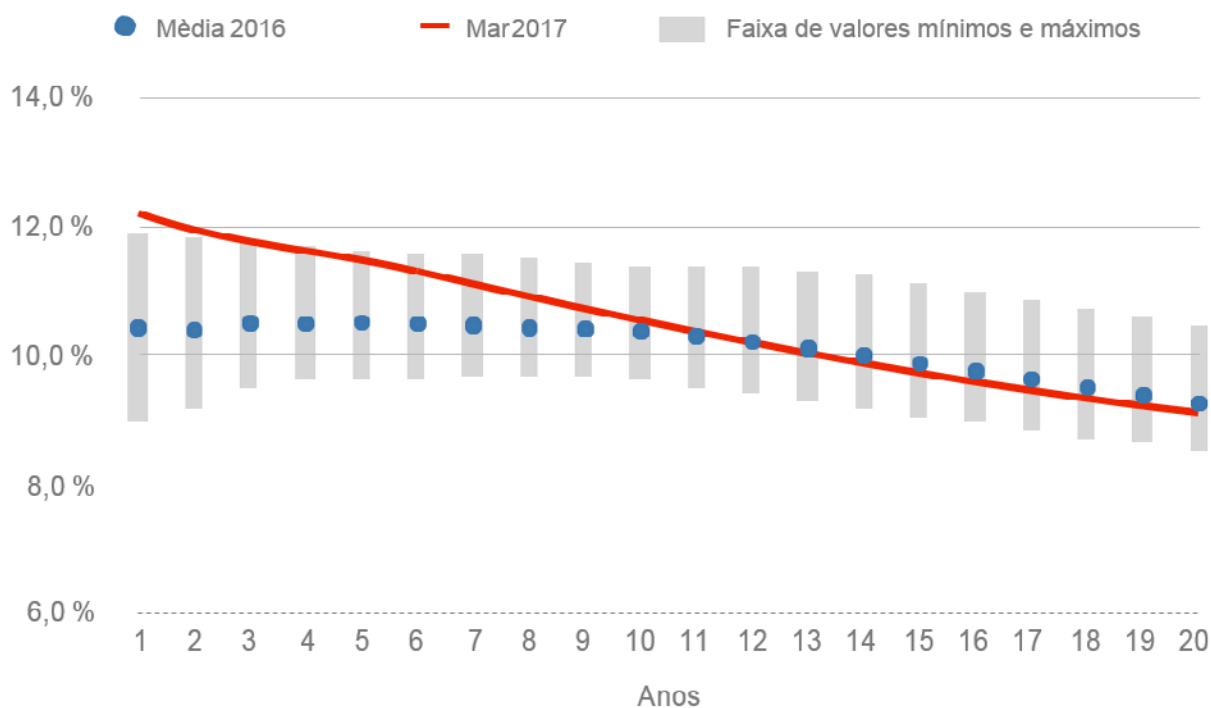
Por outro lado, apesar da melhora experimentada em 2016, a persistência do ambiente de baixas taxas de juros continua a pesar para o segmento de mercado de Vida poupança e de rendas vitalícias tradicionais. Não obstante, o aumento das taxas de juros sem risco nos prazos longos da curva (ver Gráfico 1.2) pode favorecer sua comercialização (conforme o que ocorreu em 2016), ajudado pela escassa ou nula rentabilidade oferecida pelos depósitos das instituições de crédito, que ainda enfrentam uma facilidade marginal negativa para eles.

1.4 Turquia

O crescimento econômico para a Turquia em 2016 de 2,9% continua longe de seu potencial e do crescimento de 6% alcançado em 2015. Esta situação e a previsão de desaceleração para 2017 (com valores em torno de 2,3% por um menor crescimento previsto da demanda doméstica) poderiam limitar a dinâmica de crescimento do negócio de seguros nos ramos de Não Vida e Vida risco, se for considerada sua alta correlação com o ciclo econômico.

Além disso, a alta incerteza oriunda das tensões domésticas e geopolíticas está se refletindo numa curva de taxas de juros volátil e invertida (ver Gráfico 1.4), o que poderia dificultar o desenvolvimento dos negócios de Vida poupança e renda vitalícia, embora as taxas sem risco continuem sendo positivas em todos os trechos da curva. Esta volatilidade das taxas de juros aumenta a probabilidade de que aumentem os resgates. Da mesma forma, o aumento da inflação e o declínio dos salários reais e de sua moeda poderiam ser um fator que prejudique o desempenho técnico adequado do negócio de seguros.

Gráfico 1.4
Turquia: curva de taxas de juros sem risco (%)



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE (com dados da EIOPA)

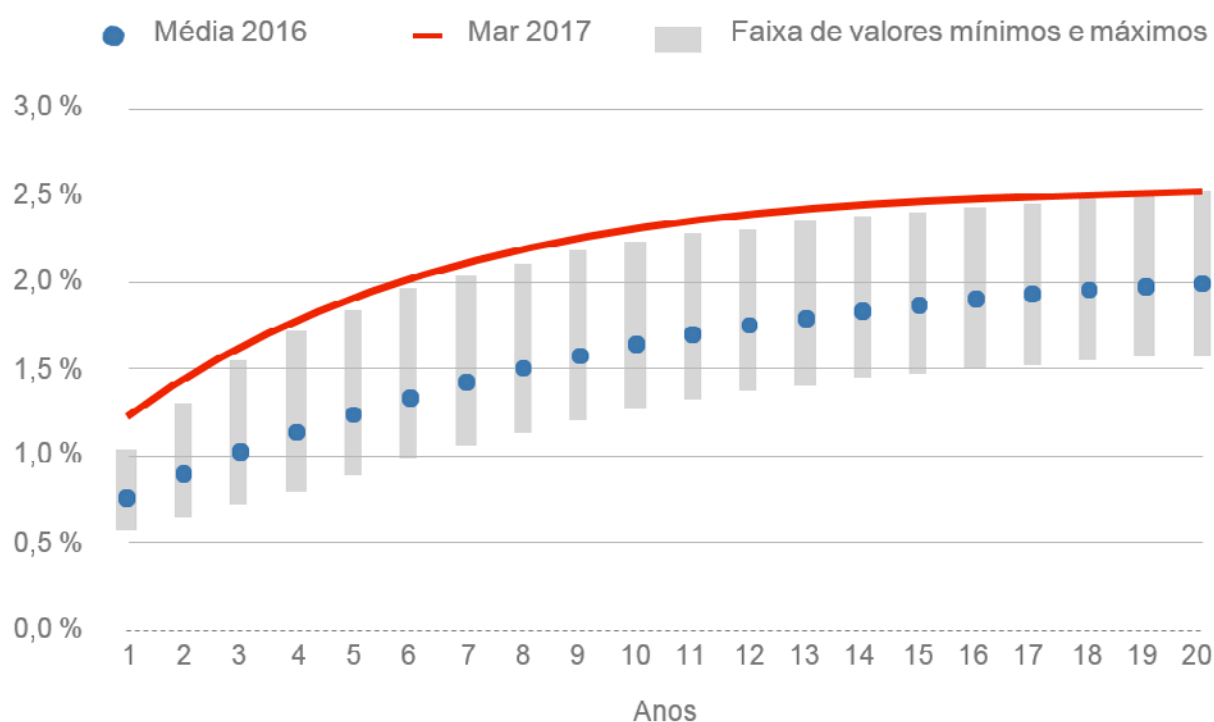
1.5 Estados Unidos

Conforme nossas previsões no relatório anterior, as expectativas de crescimento do PIB de 1,6% em 2016 nos Estados Unidos se materializaram. Embora com certa cautela pelo fato de as políticas fiscais expansivas prometidas pela administração Trump ainda não terem se concretizado totalmente, mantém-se a previsão de crescimento para 2017 em torno de 2,3%, um ambiente favorável para o desenvolvimento do setor de seguros nos segmentos de Não Vida e Vida risco.

Estima-se que os prêmios do negócio de Não Vida podem ter crescimentos acima de 2,7% no período 2017-2018, embora de forma assimétrica para os diferentes ramos. Assim, a previsão para o ramo de Automóveis é que as taxas de crescimento sejam moderadas em 2017 e 2018, enquanto o crescimento previsto para os ramos de Acidentes e Saúde seria de 4,7% em 2017, para depois atingir 5,1% em 2018.

Além disso, a materialização dos aumentos graduais das taxas de juros de longo prazo favorecerá o desenvolvimento do segmento dos seguros de Vida poupança e renda vitalícia por permitir que se ofereçam taxas garantidas maiores e por melhorar a situação das companhias em termos do casamento adequado das durações em suas carteiras. Nas curvas de taxas de juros sem risco para o dólar dos Estados Unidos calculadas pela EIOPA (ver Gráfico 1.5), pode-se observar o aumento das taxas em relação ao nível que apresentavam em 2016. Estima-se que estes aumentos possam resultar em crescimentos para o segmento do negócio de Vida de cerca de 1,2% em 2017 e 4,5% em 2018.

Gráfico 1.5
Estados Unidos: curva de taxas de juros sem risco (%)



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE (com dados da EIOPA)

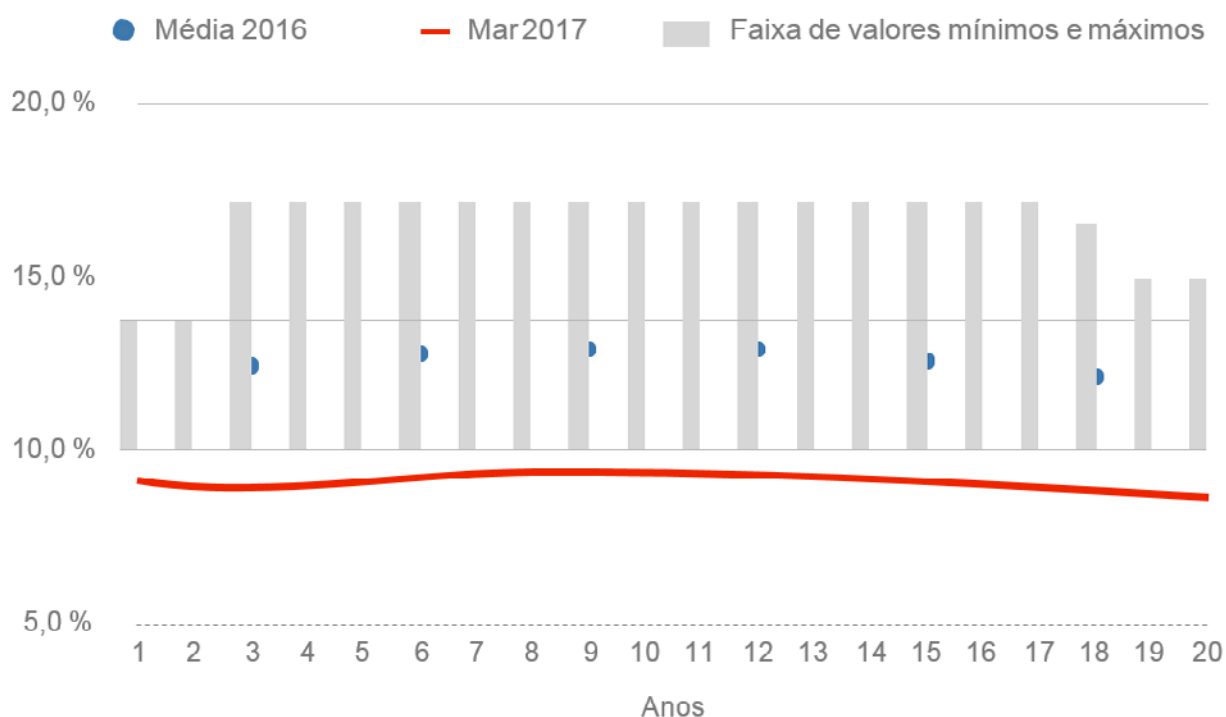
1.6 Brasil

Confirma-se um decrescimento para a economia do Brasil em 2016 de -3,6%, com uma estimativa de crescimento de 0,3% para 2017. As políticas monetária e fiscal expansivas podem levar a uma mudança de tendência e passar a valores positivos de crescimento nos anos sucessivos, o que seria favorável para o desempenho do setor de seguros. Contudo, o ambiente ainda é complicado, em se considerando a fraqueza do desempenho econômico.

Os valores das taxas de juros se encontram abaixo dos mínimos apresentados em 2016 e continuam em baixa, com um achatamento da curva de taxas, que inclusive apresenta uma ligeira inclinação negativa em seu trecho longo (ver o Gráfico 1.6), o que criará um ambiente complexo para o desenvolvimento dos produtos de Vida poupança e de renda vitalícia, embora as taxas continuem a ser positivas em todos os pontos da curva.

Além disso, as características das políticas monetária e fiscal expansivas podem acarretar um declínio do real, com o consequente impacto negativo nos resultados do negócio segurador quando isso for repassado para a estrutura de custos. Esta situação poderia melhorar no médio prazo se finalmente as previsões e a posterior volta ao crescimento em 2018 se consolidarem. Mesmo assim, a incerteza a esse respeito continua.

Gráfico 1.6
Brasil: curva de taxas de juros sem risco (%)



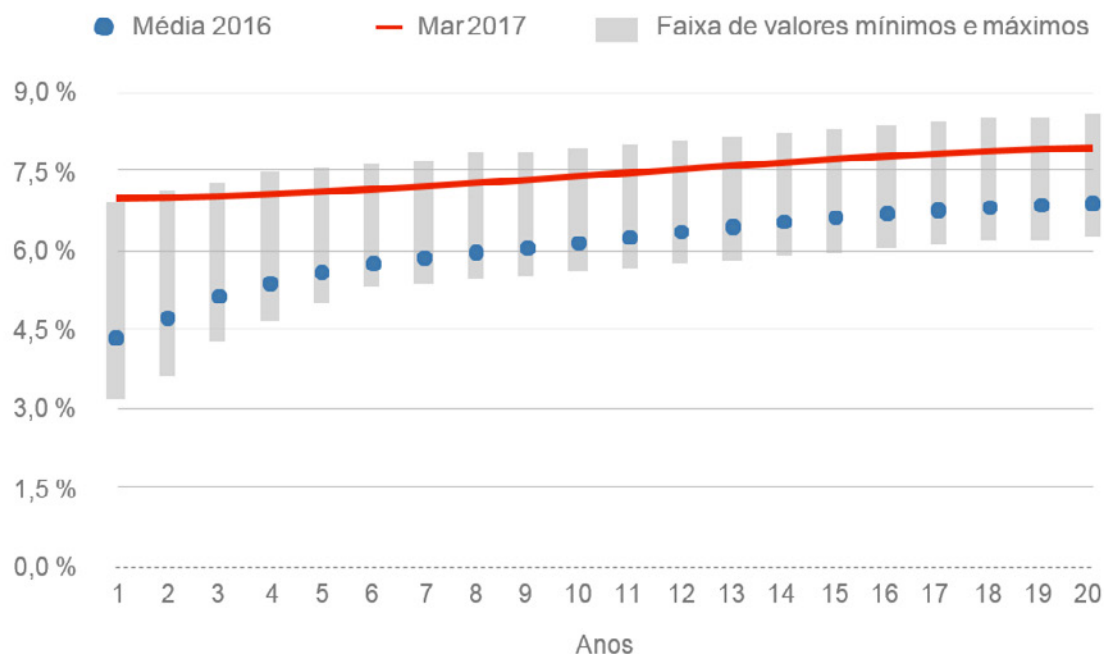
Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE (com dados da EIOPA)

1.7 México

A fraqueza do processo de crescimento econômico previsto para o México em 2017 aliada à erosão das rendas reais devido ao aumento da inflação levam à previsão de um panorama de crescimento e desempenho tímidos os ramos de Não Vida e Vida risco, embora superiores ao crescimento da atividade econômica em geral.

O panorama para o ramo de Vida poupança e renda vitalícia pode ser favorável, dados os aumentos previstos nas taxas de juros pelo Banco Central e as perspectivas de manutenção de uma política monetária restritiva que subiu as taxas de juros no trecho curto da curva (ver Gráfico 1.7). Ainda assim, a volatilidade observada continua alta, o que também pode ter um efeito nocivo nos negócios citados, já que, tal como ocorre em outras economias emergentes, isso dificulta a comercialização destes produtos e implica riscos potenciais de resgates.

Gráfico 1.7
México: curva de taxas de juros sem risco (%)



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE (com dados da EIOPA)

1.8 China

A previsão de um ambiente econômico favorável na China é positiva para as perspectivas de seu setor segurador, dada sua taxa de penetração do seguro ainda reduzida (próprio das economias emergentes), que implica uma maior elasticidade no crescimento dos prêmios ante crescimentos do PIB.

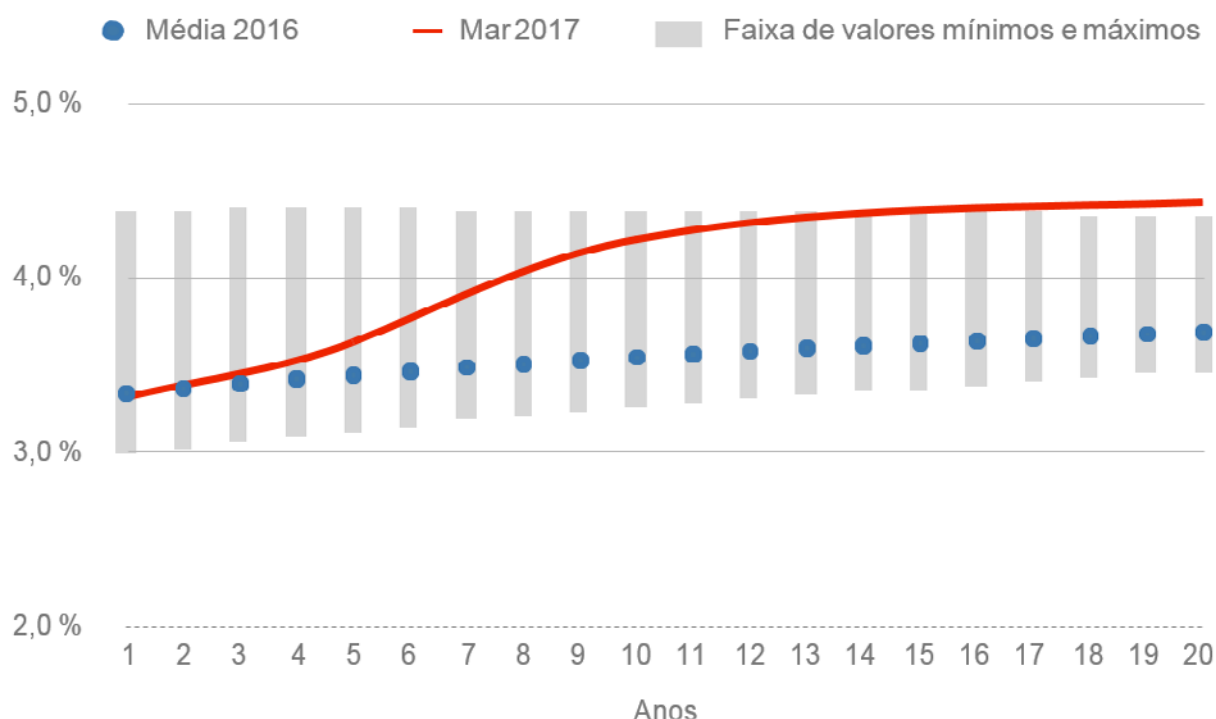
Destaca-se que um dos objetivos explícitos do governo chinês para a atividade de seguros é aumentar a taxa de penetração (prêmios/PIB). Assim, o crescimento da atividade econômica em 2016 de 6,7% e as expectativas de crescimento de cerca de 6,3% para 2017 constituirão um ambiente favorável para o desenvolvimento dos segmentos de seguros de Não Vida e de Vida risco, considerando-se também que o peso do investimento residencial e em bens de capital é significativo nestas expectativas de crescimento. No entanto, a previsão do eventual endurecimento das condições para o acesso à compra de casas também pode ter um efeito negativo nas previsões de crescimento para o setor de seguros.

Neste contexto estima-se que as taxas de crescimento do segmento de seguros de Não Vida podem apresentar valores de dois dígitos no período 2017-2018 próximos de 20%. O ramo de Autos pode apresentar crescimentos de cerca de 15,5%, enquanto os ramos de Saúde e Acidentes pode apresentar taxas superiores a 25% no período citado.

Além disso, a previsão da implementação de políticas monetárias pelo Banco Central para evitar novas desvalorizações de sua moeda esboça um panorama favorável para os negócios dos seguros de Vida poupança e renda vitalícia.

Este efeito pode ser visto nas curvas da EIOPA (ver Gráfico 1.8), especialmente nos trechos longos da curva, e observa-se uma elevação das taxas de juros no longo prazo com uma curva que ganha inclinação, o que é positivo para a comercialização de produtos Vida poupança e renda vitalícia. Desta forma, estima-se que as taxas de crescimento dos prêmios do negócio de Vida no período 2017-2018 podem se situar em valores próximos a 20%.

Gráfico 1.8
China: curva de taxas de juros sem risco (%)



Fonte: Serviço de Estudos da MAPFRE (com dados da EIOPA)

1.9 Resseguro

Em termos gerais, os dados estimados apontam para um aumento da sinistralidade derivada de eventos catastróficos, cujos danos econômicos em 2016 superam em torno de 86% os de 2015 e, no que diz respeito aos danos segurados, em torno de 42%. Trata-se do pior dado desde o ano de 2012, que foi, de qualquer forma, um período de baixa sinistralidade. A brecha de proteção do seguro contra este tipo de risco continua sendo substancial e assimétrica nas distintas regiões [1]. A previsão é de que este aumento impulse a alta dos prêmios do resseguro.

2. TENDÊNCIAS REGULATÓRIAS

Tendências globais

No início de março, a Associação Internacional de Supervisores de Seguros (IAIS) lançou uma consulta para a revisão de parte dos princípios básicos para a supervisão de seguros, integrantes do chamado “ComFrame”, o marco

comum para a supervisão de grupos seguradores ativos internacionalmente (Internationally Active Insurance Groups, IAIGs). A análise para a revisão refere-se a alguns aspectos relativos à introdução aos princípios, metodologia de avaliação, sistema de governança, supervisão, cooperação, medidas a serem adotadas pelos supervisores e resolução destes grupos. O prazo para enviar comentários terminará em 1º de junho de 2017.

Além disso, cabe destacar o projeto de seguros entre os Estados Unidos e a União Europeia sobre o chamado risco cibernético (*cyber risk*). No dia 9 de janeiro de 2017 chegou-se a um acordo sobre a designação de especialistas de ambas as jurisdições para discutir assuntos de segurança cibernética e coordenação transatlântica nesta e em outras matérias relacionadas. Dele participam membros da Comissão Europeia, da Associação Nacional de Corretores de Seguros (NAIC), do Escritório Federal de Seguros do Tesouro (FIO) e do Federal Reserve Bank (FRB) dos Estados Unidos [2].

Estados Unidos

No dia 15 de março de 2017, a NAIC enviou ao Tesouro dos Estados Unidos uma carta com sua posição sobre o Acordo bilateral firmado em 13 de janeiro com a União Europeia versando sobre seguros e resseguros, que aguarda a aprovação do Congresso dos Estados Unidos [3].

Em sua carta [4], a NAIC esclarece a confusão que a seu ver existe sobre a natureza dos direitos e obrigações que se originam do Acordo entre os funcionários do atual governo, os que à época negociaram o Acordo, os reguladores e a própria indústria. Por esse motivo, ela apresenta uma lista de esclarecimentos sobre a interpretação dos termos do Acordo a fim de que o Tesouro providencie uma confirmação escrita da União Europeia a este respeito, entendendo que este esclarecimento é necessário para avaliar se o Acordo foi realizado no melhor dos interesses para os Estados Unidos, e para que sua implementação seja adequada.

Enquanto isso, o Presidente Trump continua firme em sua promessa de reformar as regulamentações que afetam o setor financeiro, e em particular a Lei Dodd-Frank, para eliminar as regulamentações que se considerem ineficientes. Contudo, ainda é muito cedo para prever como estas possíveis reformas vão se concretizar e os efeitos que elas eventualmente poderão ter no setor financeiro e, em especial, na indústria de seguros.

União Europeia

Autoridades Europeias de Supervisão

No dia 21 de março a Comissão Europeia lançou uma consulta pública [5] sobre o funcionamento das Autoridades Europeias de Supervisão (EBA, ESMA e EIOPA) com o intuito de identificar áreas que possam ser melhoradas e reforçadas, já que se trata de um aspecto importante no desenvolvimento e integração dos mercados financeiros da União Europeia. Esta

consulta ocorre no contexto da revisão geral das Autoridades de Supervisão prevista para este ano e conforme estabelecido em suas normas fundacionais. O prazo para enviar comentários terminará no dia 16 de maio de 2017.

Solvência II

No dia 9 de fevereiro de 2017, a Autoridade Europeia de Seguros e Pensões (EIOPA) publicou o quadro de riscos aos quais entende que a indústria de seguros da União Europeia (EU) esteja exposta [6], fornecendo informações sobre os índices de solvência da mostra das companhias de seguros individualmente e em grupo, e sua comparação com os índices que apresentavam sob o sistema anterior (ver Gráficos 2-a e 2-b).

Além disso, no dia 5 de abril a EIOPA publicou a metodologia para derivar o último ponto de convergência (UFR) na extrapolação das curvas de taxas de juros sem risco utilizada na avaliação das provisões técnicas para determinar o índice de solvência [7]. Como resultado desta nova metodologia, o UFR para a curva euro diminuiu de 4,2% para 4,05% em 2018, com reduções adicionais em anos posteriores, até chegar a 3,65%, segundo o valor estimado pela EIOPA. Estas reduções não podem superar 15 pontos-base anuais.

Por último, cabe destacar que no dia 3 de março se encerrou o prazo para enviar comentários sobre o documento para a discussão da reforma de alguns elementos específicos da fórmula-padrão, como parte do processo de elaboração do conselho técnico solicitado pela Comissão Europeia, que deve ser enviado em 31 de outubro. A EIOPA está analisando os comentários recebidos [8].

Fundos privados de pensão

O novo texto reformado da Diretriz de Fundos de Pensões de Emprego (IORP II) foi publicado no Diário Oficial da União Europeia no dia 23 de dezembro de 2016. Esta Diretriz busca uma harmonização mínima entre as distintas legislações nacionais relativas à regulamentação dos fundos de pensão vinculados a uma relação trabalhista para garantir níveis mínimos em sua transparência, governança e gestão de riscos. Esta Diretriz deve ser incorporada o mais tardar no dia 13 de janeiro de 2019.

A EIOPA ressalta o elevado nível de heterogeneidade deste tipo de fundo na União Europeia e está desenvolvendo diversas iniciativas que possam contribuir para os esforços de redução da fragmentação do mercado. Encontra-se em andamento uma enquete lançada para coletar as opiniões dos diferentes atores relevantes cujo prazo terminava no dia 4 de abril. Além disso, a EIOPA pretende lançar o Stress Test de Pensões de 2017 no mês de maio.

Por fim, cabe destacar que a Comissão Europeia continua trabalhando em uma proposta legislativa sobre um produto pan-europeu de pensões individuais, com base no conselho técnico dado pela EIOPA em julho de 2016 e na consulta pública realizada pela própria Comissão no final de 2016 sobre possíveis medidas relacionadas com este tipo de instrumento para fazer frente aos desafios demográficos, à inovação e ao desenvolvimento dos mercados e à mobilidade dos fundos na União Europeia, entre outros aspectos.

Distribuição de seguros

Em 1º de fevereiro a EIOPA publicou o conselho técnico [9] enviado à Comissão Europeia sobre os possíveis atos delegados previstos pela Diretriz [10] de Distribuição de Seguros com o objetivo de

facilitar um marco comum para a melhor governança e supervisão dos processos relativos ao lançamento e acompanhamento de produtos pelas seguradoras, com foco na proteção ao consumidor. Também está elaborando propostas legislativas quanto à distribuição de produtos de investimento baseados em seguros, gestão de conflitos de interesse, incentivos e idoneidade e adequação dos produtos adquiridos pelos consumidores de seguros.

Além disso, no início de fevereiro a EIOPA enviou à Comissão Europeia sua proposta de Norma Técnica de Execução [11] sobre o conteúdo harmonizado do documento de informações pré-contratuais que devem ser entregues aos consumidores de seguros de Não Vida (*Insurance Product Information Document, IPID*). Enquanto isso, continuam os trabalhos dos estados membros na incorporação da Diretriz de Distribuição de Seguros, cujo prazo termina em 23 de fevereiro de 2018.

Proteção ao consumidor

Em 23 de março a Comissão Europeia anunciou um Plano de Ação destinado aos consumidores [12] para melhorar a possibilidade de escolha e o acesso aos produtos financeiros de toda a União. Trata-se de uma iniciativa horizontal enfocada no uso de ferramentas digitais que cobre um amplo espectro de produtos financeiros, como contas bancárias, seguros de automóveis e transferências de dinheiro.

Quanto à inovação financeira e à proteção ao consumidor, no dia 17 de março de 2017 encerrou-se o prazo para contestar o documento elaborado pelo Comitê Conjunto EBA-ESMA-EIOPA sobre o uso de big data pelas instituições financeiras, o qual teve reações por parte das instituições financeiras, supervisores e outros grupos de interesse [13]. O Comitê está analisando estas respostas. ■

Baixe o relatório completo em espanhol
(1,27MB)

Baixe o relatório completo em inglês
(2,84MB)

BIBLIOGRAFIA

- [1] Swiss RE “Catástrofes naturales y siniestros antropógenos en 2016: un año de extensos daños”.
- [2] <https://eiopa.europa.eu/Publications/Press%20Releases/2017-01-17%20THE%20EU%20%E2%80%93%20U.S.%20INSURANCE%20PROJECT%20ADDRESSES%20CYBER%20RISK.doc.pdf>
- [3] [EU-US Joint Statement](#)
- [4] [Carta de la NAIC al Departamento del Tesoro](#)
- [5] https://ec.europa.eu/info/finance-consultations-2017-esas-operations_en
- [6] [EIOPA Risk Dashboard-February 2017](#)
- [7] <https://eiopa.europa.eu/Publications/Press%20Releases/2017-04-05%20UFR%20Press%20Release.pdf>
- [8] <https://eiopa.europa.eu/Pages/Consultations/EIOPA-CP-16-008-Discussion-Paper-on-the-Review-of-Specific-Items-in-the-Solvency-II-Delegated-Regulation.aspx>
- [9] <https://eiopa.europa.eu/Publications/Reports/EIOPA%20Final%20Report%20on%20IDD%20Technical%20Advice.pdf>
- [10] <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/TXT/?uri=CELEX%3A32016L0097>
- [11] <https://eiopa.europa.eu/Publications/Reports/IDD%20Final%20Report%20on%20draft%20ITS%20on%20IPID.pdf>
- [12] http://europa.eu/rapid/press-release_IP-17-609_es.htm
- [13] <https://www.esma.europa.eu/press-news/consultations/joint-committee-discussion-paper-use-big-data-financial-institutions>